

Acusados jogam suas fichas na hora da defesa

Injustiçados. Foi a expressão dominante entre os parlamentares ameaçados de perder o mandato por sugestão do relatório final da CPI do Orçamento. O ex-líder do PMDB na Câmara, Genebaldo Correia (BA), até pouco tempo presente a todos os fatos importantes, ontem procurou ficar afastado do Congresso e acompanhar, pela televisão, a leitura do relatório que o acusa de envolvimento com a máfia do Orçamento.

"A minha consciência não me acusa de ter praticado nada que não esteja dentro da normalidade da política brasileira. Acho que alguns utilizaram a CPI como palanque eleitoral", disse Genebaldo no portão da sua casa. Depois de abandonar o projeto político de ser o futuro governador da Bahia, Genebaldo hoje apostou todas as fichas na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, responsável pela formalização do processo que poderá resultar no seu afastamento definitivo da política, por falta de decoro parlamentar.

"Vamos tentar esclarecer melhor, pois poderemos estabelecer o contraditório", disse.

No relatório final, Genebaldo é acusado de enriquecimento ilícito, movimentação bancária acima dos rendimentos de deputado e omissão de informações na declaração de bens à Receita Federal.

O ex-presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (RS), sequer ficou em Brasília. Ao contrário de Genebaldo, Ibsen refugiou-se no seu apartamento de cobertura, na rua Eça de Queiroz, em Petrópolis. Pela manhã, sua mulher, Laila, serviu de porta-voz e limitou-se a dizer que o deputado não estava acompanhando a leitura do relatório final pela televisão. Já no período da tarde, quem ligasse para o apartamento de Ibsen — cuja compra ele não soube explicar à CPI —, ouvia de uma suposta empregada, Zélia, que o casal não estava na cidade.

No município de São Borja, terra natal de Ibsen, o sentimento de tristeza era geral. O escritor Aparício Silva Rillo, amigo pessoal do parlamentar, já não tem mais esperanças de que Ibsen possa provar sua inocência. "Parece que a CPI foi tão bem feita que não há dúvida", disse ele. Em São Borja, nasceram

também Getúlio Vargas e João Goulart. "A gente esperava que ele fosse o terceiro presidente, que São Borja daria ao Brasil", disse Rillo.

Menos paciente que os demais, o deputado Carlos Benedito (PMDB-CE) sequer esperou o final da leitura do relatório para fazer sua defesa. Durante a leitura, ele tentou convencer os integrantes da CPI a retirarem seu nome da lista de possíveis cassados. "Vou lutar até quando puder", afirmou, acrescentando que o relatório continha equívocos "gritantes".

O deputado João Alves (sem partido-BA), acusado de liderar a máfia do Orçamento, divulgou ontem uma nota, dizendo-se "estarrecido" por não conhecer "a falsa prova produzida pela CPI". O deputado denuncia que "apesar de insistentes solicitações" não obteve, da CPI, cópias de cheques e documentos apresentados contra ele.

"A manipulação de atos e fatos supostamente incriminatórios mostra que a CPI decidiu seguir, ao pé da letra, o roteiro para ela preparado por José Carlos Alves dos Santos — um especialista em atirar sobre os outros a responsabilidade dos crimes que praticou", explicou.